

A CONSTRUÇÃO DO ETHOS PELO CO-ENUNCIADOR ATRAVÉS DOS BLOGS E UMA PROPOSTA PARA A SALA DE AULA

GISLANE KÁTIA TESSAROLO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS-FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGÜÍSTICA

gikates@bol.com.br

A língua

A língua como objeto de estudo da linguística já foi definida por vários autores, porém utilizaremos duas definições esclarecedoras para iniciar este artigo. Do ponto de vista da lingüística estrutural, destaco aqui a visão de Saussure (2006, p. 17-22). Esse lingüista distingue língua da seguinte forma: "a língua é um produto social da linguagem, constitui algo adquirido e convencional, compõe-se de um sistema de signos aceitos por uma comunidade lingüística. Esse sistema é homogêneo, estável, social, representado em termos de relações de oposição e de regras".

Para Bakhtin "a língua vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta, não no sistema lingüístico abstrato das formas da língua nem no psiquismo individual dos falantes" (BAKHTIN, 1986, p. 124). Assim, na concepção de Bakhtin a língua só adquire materialidade, consistência e só pode ser objeto de estudo no momento da ação da utilização da língua entre os indivíduos, enquanto ação única e mutável de encontro entre o eu e o outro. É esta concepção de língua como produto da interação social que embasa este trabalho.

O texto, o texto eletrônico e o hipertexto

Segundo Fávero e Koch (1998, p. 25), o texto é assim caracterizado:

[...] texto, em sentido, designa toda e qualquer manifestação da capacidade textual do ser humano, (quer se trate de um poema, quer de uma música, uma pintura, um filme etc.), isto é, qualquer tipo de comunicação realizado através de um sistema de signos. Em se tratando da linguagem verbal, temos o discurso, atividade comunicativa de um falante, numa situação de comunicação dada, englobando o conjunto de enunciados produzidos pelo locutor e o evento de sua enunciação. O discurso é manifestado, lingüisticamente, por meio de textos (sentido estrito). Neste sentido, o texto consiste em qualquer passagem, falada ou escrita, que forma um todo significativo, independente de sua extensão. Trata-se, pois, de uma unidade de sentido, de um contínuo comunicativo contextual que se caracteriza por um conjunto de relações responsáveis pelo o texto.

Com o advento das novas tecnologias, especialmente a internet, há uma nova forma de conceber o texto que é veiculado pelos meios eletrônicos. Este texto recebe o nome de hipertexto. O *hipertexto* é, segundo Lévy (1999, p.56), "um texto móvel, caleidoscópico, que apresenta suas facetas, gira, dobra-se e desdobra-se à vontade frente ao leitor". O texto

eletrônico, também chamado de hipertexto é diferente do texto como definido anteriormente porque ele não está acabado, não apresenta um sentido completo, isso porque, o hipertexto sempre apresenta novas e diferentes propostas de leitura, novas sugestões para o leitor que queira trilhar por outros links que complementem ou não o texto inicial, criando assim formas únicas de leitura e interpretação. Como propõe Umberto Eco (1995, 2001), no texto eletrônico o autor será tanto mais competente quanto mais alternativas de estruturação e seqüenciação do texto possibilite, quanto mais opções de interpretação ofereça ao leitor.

Gêneros textuais e discurso

Após conceituar texto e texto eletrônico, é preciso ressaltar que os textos se materializam estruturalmente em gêneros textuais. Os gêneros são estruturas já existentes, convencionalizadas, que servem à estruturação de textos que atendam às variadas funções sociais. Conforme expõe Bakhtin (2003, p.282) “falamos apenas através de determinados gêneros do discurso, isto é, todos os nossos enunciados possuem formas relativamente estáveis e típicas de construção do todo”.

De acordo com Marcuschi (2002),

Usamos a expressão tipo textual para designar uma espécie de construção teórica definida pela natureza lingüística de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas). Em geral, os tipos textuais abrangem cerca de maia dúzia de categorias conhecidas como: narração, argumentação, exposição, descrição, injunção. Usamos a expressão gênero textual como uma noção propositalmente vaga para referir os textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sócio-comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica. (MARCUSCHI, 2002, p. 27).

Para Bakhtin *apud* Clarck (1998, p. 225) "o Discurso não reflete uma situação, ele é uma situação. Ele é uma enunciação que torna possível considerar a performance da voz que o anuncia e o contexto social em que é anunciado.”

Em Maingueneau (2001, p. 52) encontramos as características essenciais do discurso:

a) discurso é situado para além da frase, está submetido a regras sociais b) O discurso é orientado, ou seja, não somente porque é concebido em função de uma perspectiva assumida pelo locutor , mas também que se desenvolve no tempo, de maneira linear. O discurso se constrói, com efeito, em função de uma finalidade, devendo, supostamente, dirigir-se para algum lugar. c) O discurso é uma forma de ação sobre o outro e não apenas de representação do mundo; d) O discurso é interativo, na realidade, é uma inter-atividade entre dois parceiros. e) O discurso é contextualizado, está inserido em determinado contexto. f) O discurso é assumido por um sujeito, remete a um EU que se coloca com fonte de referências pessoais, temporais, espaciais e que se responsabiliza pelo que está dizendo.

Kress (1989) afirma que é o discurso que organiza o texto e até estabelece quais os tópicos, objetos ou processos serão abordados e de que maneira serão organizados.

Conceituando *blog*, gêneros emergentes no contexto digital e *ethos*

O uso cada vez maior da internet tem propiciado o surgimento de gêneros textuais que antes não existiam. Estes gêneros são chamados por Marcuschi de gêneros emergentes no contexto da tecnologia digital. "Os gêneros emergentes advindos do uso desta tecnologia são relativamente variados, mas a maioria deles tem similares em outros ambientes, tanto na oralidade quanto na escrita". (MARCUSCHI, 2005, p. 15)

O *blog* é uma das ferramentas mais utilizadas da internet e por isso constitui um destes gêneros emergentes que, por suas peculiaridades e uso tão popular merece atenção e estudo linguístico.

"Três aspectos tornam a análise desses gêneros relevante: (1) Seu franco desenvolvimento e um uso cada vez mais generalizado; (2) suas peculiaridades formais e funcionais, não obstante terem eles contrapartes em gêneros prévios; (3) a possibilidade que oferecem de se rever conceitos tradicionais, permitindo repensar nossa relação com a oralidade e a escrita." (MARCUSCHI, XAVIER, 2005 p.14)

O estudo realizado neste trabalho reflete sobre a importância que o discurso, especificamente o discurso veiculado nos meios eletrônicos, exerce na construção da imagem do enunciador por parte do co-enunciador, ou seja, a imagem que o leitor faz do *blogger*ⁱ através de suas postagens e de todos os elementos presentes no *blog*.

"A expressão *blog* surgiu no final de 1997 e diz a lenda que o termo foi cunhado por Jorn Barger para descrever sites pessoais que fossem atualizados frequentemente e contivessem comentários e links". (SARTORI FILHO *apud* MARCUSCHI e XAVIER, 2005, p.60). Os *blogs* são tão populares porque possibilitam que pessoas anônimas possam publicar textos, músicas, fotos e até vídeos de uma maneira simples, sem a necessidade de grandes conhecimentos sobre programação, ou seja, as pessoas podem mostrar sua vida, à sua maneira, para todos que estão na rede e receber um *feedback* das pessoas que visitam o seu *blog* e fazem comentários sobre o que foi postado. Enfim, os *blogs* assemelham-se a um diário pessoal na ordem cronológica com anotações diárias ou em tempos regulares, porém a diferença é que podem ser lidos e comentados e permanecem acessíveis a qualquer um na rede. Há aqui o ponto diferencial entre diário e *blog*. Um diário é escrito para si mesmo, evocando uma leitura posterior, em que não há uma preocupação com as opiniões do leitor acerca de seu discurso. O *blog*, entretanto, é escrito para o outro, é público e oferece espaço para que o leitor opine e conseqüentemente interfira de alguma maneira no discurso e na imagem do locutor.

Considerando este caráter público-interativo, uma vez que o conteúdo do *blog* é regulado de acordo com os comentários dos leitores, é que se faz possível a constatação de

que o leitor elabora uma imagem do blogger e pode aderir a ela ou não, dependendo de como esta imagem é compreendida e aceita pelo leitor. Aristóteles *apud* Maingueneau (2005) afirma que é em função do auditório que o orador constrói uma imagem de si, porém ele só conseguirá persuadir o auditório se este se identificar com as características do discurso.

Todo enunciadoⁱⁱ leva à construção de uma imagem do enunciador por parte do co-enunciador. Esta imagem recebe o nome de *ethos* na retórica de Aristóteles e mais tarde tem seus conceitos aprofundados na análise do discurso por muitos autores.

O termo *ethos* surgiu na antiga Grécia, dentro dos conceitos da retórica de Aristóteles. Para Aristóteles o *ethos* era um dos elementos fundamentais para que o orador conseguisse convencer o seu auditório. A palavra *ethos* referia-se na retórica de Aristóteles, especificamente ao caráter do orador, à sua virtude.

Muitos autores se preocuparam em aprofundar o conceito sobre *ethos* depois de Aristóteles. Dentre eles está Ducrot *apud* Maingueneau (2005) que afirma que o *ethos* se mostra no ato de enunciação, ele não é dito no enunciado. O *ethos* aparece em segundo plano na enunciação, ele deve ser percebido, mas não deve ser o objeto do discurso. Esta concepção é corroborada por Maingueneau (2005, p.59)

Não se trata de uma representação estática e bem delimitada, mas, antes, de uma forma dinâmica, construída pelo destinatário por meio do próprio movimento de fala do locutor. O *ethos* não age no primeiro plano, mas de forma lateral. Ele implica uma experiência sensível do discurso, mobiliza a afetividade do destinatário.

Na Análise do discurso o termo *ethos* está ligado à imagem que é construída pelo co-enunciador sobre a pessoa do enunciador no momento da enunciação. Esta imagem permite ao leitor a definição de uma corporalidade do enunciador. Maingueneau (2005) afirma que não existe um *ethos* preestabelecido, mas sim um *ethos* construído no âmbito da atividade discursiva. Assim, a imagem de si é um fenômeno que se constrói dentro da instância enunciativa, no momento em que o enunciador toma a palavra e se mostra através do seu discurso.

Percebe-se que não há como dissociar *ethos* de discurso, pois o *ethos* é como uma sombra que vai tomando forma a cada movimento da atividade enunciativa, para enfim se instaurar como imagem daquele que enuncia.

Maingueneau (2005) define, então, o *ethos*, da seguinte maneira: "São os traços de caráter que o orador deve mostrar ao auditório (pouco importando sua sinceridade) para causar boa impressão: são os ares que assume ao se apresentar (...). O orador enuncia uma informação e ao mesmo tempo diz: eu sou isso e não aquilo". Para Ducrot *apud* Maingueneau (1984), o *ethos* se mostra no ato da enunciação, ele não é dito no enunciado. Ele permanece,

por natureza, no segundo plano da enunciação: ele deve ser percebido mas não deve ser objeto do discurso.

Esteja claro que o enunciador diz eu sou isto e aquilo intencionalmente e muitas vezes explicitamente, mas o seu discurso pode dizer o contrário, pois o "todo" do discurso é que vai produzindo as pistas que auxiliam o co-enunciador a construir a imagem do enunciador.

Em se tratando de blog, como no caso de muitas páginas pessoais da internet, há sempre um espaço para que o próprio enunciador apresente-se, fale sobre si, construa uma imagem de si. De acordo com Maingueneau o *ethos* de um discurso resulta de uma interação de diversos fatores: *ethos* pré-discursivo, *ethos* discursivo (*ethos* mostrado), mas também de fragmentos do texto em que o enunciador evoca sua própria enunciação (*ethos* dito).

Dessa forma, o discurso que aparece como perfil do blogger, falando de suas qualidades, seus gostos, etc. representa o *ethos* dito, aquele em que o locutor evoca sua própria enunciação, mas o *ethos* mostrado, aquele que escapa do discurso, da cena enunciativa é o que nos interessa neste trabalho, é o *ethos* construído muitas vezes à revelia do enunciador. Segundo Maingueneau (2005) o *ethos* visado não é necessariamente o *ethos* produzido. Isto acontece quando o enunciador acredita estar induzindo o enunciatário a construir determinada imagem, mas não alcança seu intento através de seu discurso.

Muitos autores destacam a importância que a escrita assume nos discursos eletrônicos, pois a comunicação eletrônica se dá basicamente pela escrita. De acordo com Marchuschi e Xavier (2005), o fato inconteste é que a internet e todos os gêneros a ela ligados são eventos textuais fundamentalmente baseados na escrita. Segundo os mesmos autores “Há quase um consenso em que a área na qual mais se verifica a presença e a força da computação no contexto da língua é a escrita, [...]é uma nova relação com os processos de escrita”.

Apesar de se estabelecer uma nova relação com a escrita, os textos eletrônicos produzem e reproduzem discursos que com certeza permitem aos leitores construir *ethos* de seus autores. O fato é que no ambiente virtual não se lida apenas com textos, mas com hipertextos.

Hipertexto é o termo que remete a um texto em formato digital, ao qual agrega-se outros conjuntos de informação na forma de blocos de textos, palavras, imagens ou sons, cujo acesso se dá através de referências específicas denominadas hiperlinks, ou simplesmente links. Esses links ocorrem na forma de termos destacados no corpo de texto principal, ícones gráficos ou imagens e têm a função de interconectar os diversos conjuntos de informação, oferecendo acesso sob demanda as informações que estendem ou complementam o texto principal. Um hipertexto apresenta, de certa forma, uma cena enunciativa mais rica favorecendo a construção do *ethos* do autor por parte do leitor, na medida em que agrega outros elementos constitutivos da enunciação. (WIKIPEDIA, 2010)

O hipertexto por natureza agrega outros elementos além dos textos, ele é formado por imagens, sons, vídeos, links, etc. e com certeza estes elementos também contribuem para a construção da imagem do blogger.

Sem a presença real do enunciador, que é o que ocorre com os textos escritos e com o blog especificamente, a construção desta imagem se dará por outros caminhos que articulam o discurso e os elementos audiovisuais que aparecem no blog. Como afirma Maingueneau (2005) [...] o *ethos* por natureza, é um comportamento que, enquanto tal, articula verbal e não-verbal para provocar nos destinatários efeitos que não decorrem apenas de palavras. Os elementos audiovisuais presentes nos blogs cumprem este papel na medida em que também contribuem para a construção da imagem do enunciador.

Pode-se depreender então que a construção da imagem do enunciador/blogger está condicionada à interpretação que o co-enunciador/leitor fará de suas postagens e das imagens, músicas e vídeos presentes no blog. É o todo do blog que conduzirá o leitor/co-enunciador a construir este *ethos* discursivo nos blogs.

ANÁLISE DE DADOS

A participante P1 escolheu o blog <http://livroseafins.com/> e fez a seguinte descrição do blogger: **P1**- O blogger é um jornalista, de bom nível intelectual e cultural, parecendo ser uma pessoa de fácil relacionamento e flexível, devido aos comentários de suas postagens. A participante P2 escolheu o blog <http://sol.sapo.pt/blogs/olindagil/default.aspx> e fez a seguinte descrição da blogger: **P2**- Percebo uma mulher forte e sensível ao mesmo tempo. Ela parece preocupar-se com sua prática pedagógica de modo a formar leitores críticos.

Nas descrições feitas pelas participantes podemos notar que as participantes conseguiram conceber uma corporalidade ao enunciador/blogger. Porém um fato que chama atenção é que as duas utilizam o verbo *parecer* na descrição destas imagens. Isto demonstra que as participantes, talvez por serem professoras e possuírem um certo conhecimento acerca do assunto deste trabalho, demonstram ter consciência daquilo que afirma Maingueneau quando diz que nem sempre o *ethos* mostrado no discurso condiz com os traços de caráter do enunciador.

Com relação à escolha do blog as participantes responderam à seguinte pergunta: **E** - Foi pedido que você escolhesse um blog. Que aspectos te chamaram a atenção na escolha do blog para esta pesquisa? **P1** - O assunto do blog, que diferentemente de outros, não aborda futilidades, mas se preocupa com a difusão do conhecimento através dos livros. **P2** - Meu

critério de escolha foi a afinidade profissional entre Olinda Gil e eu. Percebe-se que a escolha do blog não foi aleatória, ela aconteceu de acordo com a afinidade pessoal e profissional com o tema do blog ou devido ao interesse pelos assuntos postados nos blogs.

Quando um leitor procura um blog de seu interesse ele já tem uma previsão do que espera encontrar naquele blog e conseqüentemente, do enunciador daquele discurso. Isso remete à noção de *ethos* pré-discursivo. Para Maingueneau (2008) o *ethos* pré-discursivo, que é chamado de *ethos* prévio por Amossy (2005), é a imagem que precede a construção da imagem no discurso.

O leitor que procura um blog de um assunto que é de seu interesse, já tem um *ethos* pré-construído daquilo que espera encontrar, uma expectativa que poderá se confirmar ou não. Na verdade a confirmação desse *ethos*, ou a sua superação positiva garantirão o sucesso do enunciador na construção de sua imagem através do blog.

A pergunta seguinte pretendia entender a forma de captação desta imagem pelas participantes.

E: Esta imagem que você descreveu está implícita ou explícita no blog? **P1-** Implícita, pela forma como o blogger se apresenta. **P2** - Ninguém se descreve diretamente como “forte” ou “sensível”. São deduções que fazemos a partir de indícios implícitos: uma imagem, uma frase, uma música...

A partir destas respostas acionamos os conceitos de *ethos* dito e *ethos* mostrado já apresentados anteriormente. A imagem do enunciador se faz pelo mostrado no discurso, pelas pistas discursivas e não pelas afirmações que ele possa vir a fazer de si mesmo de maneira explícita. Ainda assim, a imagem construída pelas participantes foi a de fiadores do discurso, ou seja, daquele que se apresenta naquele discurso. **E:** Você acha que era esta imagem que o autor pretendia passar através do seu blog? Justifique. **P1-** Sim, tanto é que sua apresentação e posts reafirmam seu nível intelectual de jornalista. **P2-** Acredito que ela se preocupe em transmitir uma imagem profissional positiva, porque isso está vinculado mundialmente à sua competência. Retomando o conceito de hipertexto já colocado e nos apoiando em Maingueneau (2005) que afirma que a construção do *ethos* passa por elementos verbais e não-verbais é possível confirmar que todos os elementos presentes no blog auxiliam na construção da imagem do enunciador através da seguinte questão feita às participantes: **E:** Existiram outros elementos no blog que te levaram a construir a imagem do enunciador? **P1-** Sim, as ilustrações e comentários sobre os posts. **P2-** Chamou-me a atenção, em particular, esse artigo

que ela publicou aos 25 de abril de 2010: “As revoluções são sempre incompletas, sempre” e as imagens interessantes que ela posta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS E UMA PROPOSTA PARA A SALA DE AULA

O uso cada vez maior das novas tecnologias têm permitido que as pessoas se exponham através de seus textos e dos discursos veiculados por seus textos no ambiente virtual. Uma das ferramentas que permitem esta exposição é o blog, e que por isso mesmo se tornou uma das ferramentas mais utilizadas da internet.

A partir do momento em que se assume o papel de enunciador, especialmente em blogs, que são públicos, o sujeito está propiciando ao "outro", aqui tratado como co-enunciador, a construção de uma imagem discursiva de quem se responsabiliza por este discurso. A construção desta imagem é interativa e por isso mesmo está condicionada ao modo como o co-enunciador recebe este discurso, mesmo assim pode ser direcionada pelo enunciador se souber utilizar determinadas estratégias que convençam o co-enunciador. No caso dos hipertextos, como é o caso do blog, elementos não-verbais são muito importantes neste processo de construção do *ethos* do enunciador, na medida em que funcionam como pistas auxiliares neste processo.

O *ethos* é inerente ao discurso e nenhum enunciador está livre de que elaborem uma imagem sobre a sua pessoa no momento da enunciação. Dessa forma, as pessoas precisam estar atentas ao discurso que veiculam em textos eletrônicos de um modo geral, especialmente aos que serão colocados na internet. Isso porque, atualmente esta imagem pode ser usada a favor ou contra o enunciador em várias situações, um exemplo é que muitas empresas fazem buscas em páginas pessoais antes de contratar um funcionário e utilizam deste discurso para construir uma imagem da pessoa do candidato. Sendo assim, também é papel da escola preparar o cidadão para o mercado de trabalho e para uma reflexão crítica sobre seu discurso. De acordo com Maseto:

“São características da mediação pedagógica: [...] desencadear e incentivar reflexões, criar intercâmbio entre a aprendizagem e a sociedade real onde nos encontramos, nos mais diferentes aspectos, colaborar para estabelecer conexões entre o conhecimento adquirido e novos conceitos, fazer a ponte com outras situações análogas, colocar o aprendiz frente a frente com questões éticas, sociais, profissionais por vezes conflitivas, colaborar para desenvolver crítica com relação à quantidade e à validade das informações obtidas, cooperar para que o aprendiz use e comande as novas tecnologias para suas aprendizagens e não seja comandado por elas[...]”. (MASETTO, 2000, p.165)

Dessa forma, cabe também à escola fazer com que o aluno perceba as várias possibilidades de usos sociais da língua, na forma dos gêneros discursivos e despertar a reflexão sobre a importância da imagem que é construída sobre sua pessoa através do seu

discurso. É nesse sentido que este artigo pretende sugerir um trabalho de orientação do professor para com seus alunos, utilizando as novas tecnologias que já são de uso constante no cotidiano dos alunos fora do contexto escolar, mas ainda pouco utilizadas e exploradas na escola. De acordo com Demartini *apud* Sampaio e Leite (1993) "[...] há uma percepção progressiva do educador a respeito da importância dos meios tecnológicos na vida dos alunos e na própria prática docente em função da crescente utilização e exposição dos alunos a estes meios".

A partir do momento em que o aluno pode publicar seus textos na internet, esse aluno deve estar ciente das implicações que isso lhe traz como enunciador de um discurso. A construção da própria imagem é uma dessas implicações e esta conscientização pode ser fruto de um trabalho que una os objetivos educacionais da escola e o uso das novas tecnologias.

Este artigo propõe a reflexão do professor sobre este aspecto do uso das novas tecnologias para que o professor utilize o método mais adequado ao seu público escolar propiciando aos alunos uma reflexão sobre suas práticas discursivas em textos publicados na internet.

REFERÊNCIAS:

- AMOSSY, R. *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005.
- ARISTÓTELES. *Retórica das paixões*. Prefácio: Michael MEYER. Introdução, notas e tradução do grego: Isis Borges B. da FONSECA. São Paulo: Martins Fontes, 2000. Edição Bilingue Grego-Português.
- BAKHTIN, Mikhail (Volochinov). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 1986.
- BAKHTIN, Mikhail M. *Estética da criação verbal*. Martins Fontes: São Paulo, 2003..
- CLARK, Katerina. *Mikhail Bakhtin*. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- ECO, U. *Interpretação e superinterpretação*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- ECO, U. *Os limites da interpretação*. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- [Http://pt.wikipedia.org/wiki/Hipertexto](http://pt.wikipedia.org/wiki/Hipertexto). Acesso em: 12 de Junho de 2010.
- KOCH, Ingedore G. Villaça. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.
- KOCH, I ;FÁVERO, L. L. *Linguística textual: introdução*,4 ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- LÉVY, P. *Cibercultura*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos discursos*. Curitiba: Criar Edições, 2005.
- _____. *Cenas da enunciação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- _____. *Ethos, cenografia e incorporação*. In: AMOSSY, Ruth. *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 68-92.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: _____; XAVIER, A. C. *Hipertextos e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. 2 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 13-67
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Angela Paiva, MACHADO, Anna Rachel, BEZERRA, Maria Auxiliadora (org.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2002

MASETTO, M. T. Mediação pedagógica e o uso da tecnologia. In: _____ ; MORAN J. M.; BEHRENS, M. A. *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. Campinas, SP: Papirus, 2000. p. 133-173

MOTTA, A. R.; SALGADO, L (org.). *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008.

SAMPAIO, M. N.; LEITE, L. S. *Alfabetização tecnológica do professor*. 3ed. Petrópolis, R.J.: Vozes, 1999.

SAUSSURE, F. de. *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2006.

ⁱ O termo Blogger é utilizado neste trabalho para se referir à pessoa que cria um blog e escreve neste blog.

ⁱⁱ O termo enunciado é utilizado por Maingueneau (2001) com o valor de frase inscrita num contexto particular.

Enunciador, na perspectiva do autor, seria aquele a quem se outorga no discurso uma posição institucional que marca sua relação com o saber. O co-enunciador, portanto, seria aquele a quem o enunciador dirige o seu discurso, que não é entendido como uma figura dotada de passividade, mas que exerce um papel ativo no processo discursivo.